

“SENEQUE EN MOY”: A IMITAÇÃO DOS ANTIGOS
COMO MÉTODO DE ESCRITA NOS *ENSAIOS* DE MONTAIGNE

Dr. ALEXANDRE SOARES CARNEIRO
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas, São Paulo, Brasil
alex@iel.unicamp.br

Dr. THIAGO MAERKI
Pesquisador Independente
Membro do Centro de Estudos de Literatura,
Teorias do Fenômeno Religioso e Artes (CELTA/UNICAMP)
Campinas, São Paulo, Brasil
thiagomaerki@yahoo.com.br

RESUMO: Tornou-se trivial nos estudos sobre os *Ensaaios* de Montaigne a percepção de que o autor teria se espelhado nos antigos – Cícero, Plutarco e Sêneca, por exemplo – na construção de sua prosa, o que é reforçado pela abundância de citações e referências tomadas desses e de outros autores antigos. Partindo do exame de algumas características do sistema pedagógico do Humanismo discutidas por Moss (1989), Boutcher (1996), Davies (1996) e Bloom (2005), por exemplo, e tomando Sêneca – principalmente suas *Cartas a Lucílio* – como influência mais importante na escrita de Montaigne, pretendemos mostrar que esse mosaico de excertos constitui-se, por um lado, método consistente e consciente de produção dos *Ensaaios* e, por outro, estratégia para a imitação desses autores da Antiguidade Clássica. Além disso, investigamos como essa imitação serviu ao autor para a construção de seu próprio eu presente nessa obra.

Palavras-chave: Montaigne. *Ensaaios*. Sêneca. Humanismo. Imitação dos clássicos.

Artigo recebido em: 02 fev. 2018.
Aceito em: 21 fev. 2018.

“SENEQUE EN MOY”: THE IMITATION OF THE ANCIENTS AS WRITING METHOD IN THE *ESSAYS* BY MONTAIGNE

ABSTRACT: The conception that Montaigne was influenced by ancient authors, such as Cicero, Plutarch and Seneca, for example, in the construction of his prose, which is made evident by the abundance of quotations and references taken from these and other classical authors, became commonplace in studies about Montaigne's *Essays*. Starting from the examination of some characteristics of the Humanist education system discussed by Moss (1989), Boucher (1996), Davies (1996) and Bloom (2005), for example, and taking Seneca, especially his *Letters to Lucilius*, as the most important influence in Montaigne's writings, we intend to show that this mosaic of excerpts constitutes a consistent and conscious production method of the *Essays* and a strategy for imitation of these authors of Classical antiquity. In addition, we investigate how this imitation served the author in the construction of his own self present in this work.

Keywords: Montaigne. *Essays*. Seneca. Humanism. Imitation of the Classics.

INTRODUÇÃO

Temos um método de expressar a natureza das coisas: imitarmos o que os nossos antepassados disseram exatamente da mesma forma como eles imitaram a natureza.

Joseph Justus Scaliger¹

A visão de que o Humanismo teria tido como um de seus ideais a imitação de autores antigos, principalmente latinos, e a recuperação do “bom latim clássico” – para aproveitar a expressão usada por Moss (1989a, p. 145) –, em contraposição ao “latim escolástico”, é atualmente corrente. A epígrafe acima, retirada da *Poetices libre septem* (1561), de Joseph Scaliger (1540-1609), autor contemporâneo de Michel de Montaigne (1533-1592), evidencia os sentidos articulados da *imitatio* na tradição renascentista: os antigos imitaram a natureza, nós imitamos os antigos. O intelectual seiscentista

¹ Citado em MOSS, 1989b, p. 107.

reafirma o retorno a autores antigos redescobertos pela primeira geração humanista, como Cícero, Tito Lívio, Vitrúvio e acrescenta ou redescobre outros, como Plutarco, Sêneca e Lucrécio. Esse retorno gerara uma marcante transformação na pedagogia e no sistema educacional do período. O ideal de formação humanista, surgido na Itália do século XV, ainda muito fragmentado, tornar-se-ia mais consistente e sistemático a partir do século seguinte, com importantes efeitos na cultura e na linguagem. Esse aspecto marcaria a formação de uma elite que passaria a conviver com “elementos pagãos e cristãos coexistindo, muitas vezes, em uma conturbada simbiose” (MOSS, 1989a, p. 145, tradução nossa). Fazia parte do programa humanístico o aprendizado do “bom latim clássico”, adquirido pela imitação dos autores canônicos. A ênfase na análise gramatical tem a ver com a ideia de que cabia emular o estilo dos grandes escritores da antiguidade. Os excertos usados tratavam de política, moral e história, mas seu conteúdo interessava menos que a etimologia, a sinonímia, as figuras e sobretudo a composição dos períodos – enfim, as *elegantiae*. A memorização de versos se tornara ferramenta para o aprendizado, voltado, sobretudo, para a composição em prosa². Uma prática educacional importante era, como demonstra Norton (1984, p. 25), um “movimento circular” de tradução do latim para o vernáculo e deste para o latim. Esse exercício encontrava respaldo em Plínio (*Epístolas*, VII, 9, 1), que aconselhava fazer o mesmo com a língua grega. Ainda segundo Norton (1984, p. 26), quando o estudante traduzia, trabalhava de forma sistemática com base nas estruturas paradigmáticas da gramática para uma melhor assimilação da estrutura do texto.

É perceptível, ao longo dos *Ensaíos* de Montaigne, uma inquietação do autor frente ao modelo educacional que conheceu, no Collège de Guyenne, fundado em 1533 em Bordeaux, segundo o modelo humanista. Seu incômodo parece se concentrar na forma como a referência ao saber antigo tendia a se manifestar na forma de uma citação mecânica dos autores canônicos. Mas Montaigne respeita esses modelos, e mais do que isso, em seus escritos absorve-lhes o procedimento de citação. Embora se refira a autores do seu tempo como servis e sem consistência quando se apoiam em grandes autores por não poderem se sustentar por si próprios, transcreve trechos inteiros de filósofos da Antiguidade. Haveria, assim, uma aparente incoerência de Montaigne em relação à imitação desses autores, como, por exemplo, Plutarco e Sêneca, já que utiliza essa técnica de produção textual ao mesmo tempo em que a critica. É uma solução para esse problema que pretendemos apresentar nas páginas seguintes.

A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA SOB O CRIVO DE MONTAIGNE

² Sobre o currículo das Escolas Primária e Secundária do Humanismo, ver Black (2001).

O Humanismo renascentista privilegiava o bem falar por meio da boa e antiga gramática e da imitação dos poetas e oradores da antiguidade. O bom escritor prolongava esses procedimentos na prosa escrita e imitava dos clássicos a linguagem e a expressividade.

Eles foram similarmente treinados para reconhecer e reproduzir as características catalogadas sob a ‘elocução’. Isso quer dizer que há um voltar-se para a ornamentação e a amplificação da expressão, mais especificamente para as figuras de pensamento e de linguagem, que separam a elocução da poesia e da oratória daquela empregada no dia a dia. (MOSS, 1989a, p. 150)³

Sobre esse treinamento para a oratória por meio de “exercícios retóricos” (Moss, 1989a, p. 151), Montaigne afirma em uma passagem: “Um retórico dos tempos passados dizia que seu ofício era fazer as coisas pequenas parecerem e serem consideradas grandes” (*Ensaaios* I, 51). Ele parece recuperar a crítica platônica à Retórica quando a descreve como “uma ferramenta inventada para manipular” (*Ensaaios* I, 51). Para Bloom (2005, p. 143), Montaigne “é marcado por uma ironia afável, profundamente cética em relação ao programa humanista”. No capítulo “Do pedantismo” (I, 37), por exemplo, elabora uma sátira do sistema educacional de sua época, caracterizando-o como um saber professoral e vazio, mas ele mesmo adota amplamente o procedimento de citação de autoridades, geralmente sem se preocupar em apontar de que livro ou autor retira as máximas utilizadas. Segundo Boutcher (1996, p. 196), Montaigne não revela (como as edições modernas fazem) as fontes dos textos gregos, latinos, franceses e italianos com os quais o seu próprio está intertextualmente relacionado. Essa estratégia é também um modo de se diferenciar dos procedimentos de escrita presentes no sistema educacional humanista. Ao não identificar suas fontes, Montaigne deseja valorizar seu próprio engenho, contrapondo-o ao método de produção de texto com o qual tivera contato em sua formação. Ao reconhecer que faz algo semelhante, ele admite estar impregnado pelo mesmo sistema, para o bem e para o mal.

São os clássicos, difundidos em livros cada vez mais acessíveis, que ele toma como modelo para a construção de sua obra, já que, com o surgimento da prensa, a aprendizagem torna-se cada vez mais dependente dos livros, sem os quais o Humanismo não poderia ter existido (DAVIES, 1996, p. 47). Com a

³ “They were similarly trained to recognize and reproduce the linguistic features catalogued under ‘elocution’, that is to say those ornamented and amplified turns of expression, more specifically figures of thought and speech, which separate the language of poetry and oratory from the language of everyday use”.

abundância de livros, a prática da memorização foi sendo substituída paulatinamente pela consulta a eles, e as imagens, mentais e físicas, foram perdendo espaço para as letras⁴.

A abordagem ensaística de Montaigne pressupõe um distanciamento frente a um “saber escolar” nos moldes humanísticos; daí também a explícita desconfiança dos mestres-escolas – “com um ar demasiadamente imperioso e professoral” (*Ensaíos* III, 8) –, detentores de um saber puramente livresco, no qual a citação de autores clássicos torna-se praticamente incontornável. É nesse sentido que o autor dos *Ensaíos* contrasta um saber “escolástico e artificial⁵” a um “saber natural” ou a um “entendimento sadio” (III, 8), que parte dos livros mas pode dispensá-los.

Em relação à utilização da língua vulgar e das citações em Montaigne, Fumaroli defende que

a própria maneira de ler e de compor de Montaigne é governada pela comparação: comparação entre sua prosa e sua língua vulgares com as nobres citações dos poetas e moralistas antigos que ele incrusta aí, não para adornar a sua própria prosa, mas para recolocá-la em sua modesta condição; comparação entre os autores que admira e a “mixórdia” que ele está escrevendo. (FUMAROLI, 2004, p. XVIII-XIX)

“Montaigne”, apresenta Dotoli, “valoriza ao máximo a escrita de uma voz em movimento”, que se apresenta por “saltos” e “cambalhotas” (2007, p. 302), o que o fez ser identificado também como “desprovido de espírito de sequência” (CORNEILLE, citado em FUMAROLI, 2004, p. VII)⁶. Daí o esforço de Fumaroli em identificar um método em Montaigne apesar das constantes digressões: “em todos os caminhos dos *Ensaíos*, a comparação é o método” (2004, p. XVII). A abundante citação de autores antigos, portanto, não pode ser considerada “retórica de floretes embotados” ou mero empolamento discursivo. Em “Da educação das crianças”, alguns autores de seu século são caracterizados como insensatos quando citam trechos inteiros de escritores antigos como adorno ou para serem louvados:

⁴ Sobre a importância das imagens e da tradição mnemônica na Idade Média, veja: CARRUTHERS, 2011; SCHMITT, 2007; e YATES, 2007.

⁵ O vocábulo “escolástico” é usado por Montaigne com o sentido de “escolar”; não confundir com o adjetivo “escolástico” quando este se refere ao pensamento filosófico-teológico cristão produzido, sobretudo, nas universidades medievais europeias.

⁶ Alguns pesquisadores procuraram estabelecer relações entre Montaigne e os *Ensaíos* com a finalidade de encontrarem unidade entre autor e obra ou um fio argumentativo coeso em seu discurso, objetivo que tem malogrado diante dos paradoxos de seu texto, consequência de uma obra produzida ao longo de vários anos e de seu amadurecimento intelectual. Sobre esse assunto, ver Viegas (2011).

Pois essa infinita dessemelhança de brilho dá ao que é deles um semblante tão pálido, tão apagado e tão feio que com isso perdem muito mais do que ganham. Houve duas concepções opostas: o filósofo Crisipo misturava em seus livros não só passagens, mas obras inteiras de outros autores, e, num deles, a *Medeia* de Eurípedes. Dizia Apolodoro que caso se suprimisse o que ele tinha de alheio, seu papel ficaria em branco. Epicuro, ao contrário, em trezentos volumes que deixou não pôs uma só citação. (*Ensaaios* I, 25)

Montaigne se vale da comparação, mas também da imitação de autores clássicos, especialmente de Sêneca e Plutarco, como o próprio autor declara no mesmo capítulo:

Não travei relações com nenhum livro sólido, a não ser Plutarco e Sêneca, em que me abasteço como as Danaides, enchendo-me deles e os despejando sem parar. Deles fixo alguma coisa neste papel, em mim, quase nada [...]. Quanto às faculdades naturais que existem em mim, de que faço aqui a prova, sinto-as vergar sob a carga: minhas concepções e meu julgamento andam sempre às apalpadelas, cambaleando, tropeçando e dando passos em falso [...]. E empreendendo falar indiferentemente de tudo o que se apresenta à minha imaginação, e só empregando meus meios próprios e naturais, se me acontece, como costuma acontecer, de porventura encontrar nos bons autores esses mesmos temas que decidi tratar [...]. (*Ensaaios* I, 25)

Porque vai pinçando trechos aqui e ali, associando-os à sua própria reflexão, os *Ensaaios* adquirem um caráter, muitas vezes, anedótico, “cambaleando”, “tropeçando” e “dando passos em falso”, aproximando-se de uma conversação na qual as falas são produzidas conforme suscitadas pela *fantasie*.

Force (2005), refletindo sobre um jogo de influências em cujo centro se encontra Montaigne, afirma que “Pascal apropria-se excessivamente de Montaigne, às vezes literalmente, às vezes não. Montaigne apropria-se de Sêneca, Plutarco, Cícero e de muitos outros” (p. 17). O ensaísta constrói paráfrases de vários autores para reforçar o assunto tratado, como ele próprio explica:

Que se veja, naquilo que tomo emprestado, se eu soube escolher com que realçar meu tema. Pois faço os outros dizerem o que não consigo dizer bem, ora por fraqueza de minha linguagem, ora por fraqueza de meu senso. Não conto meus empréstimos; peso-os. São todos, ou quase todos, de nomes tão famosos e antigos que me parecem identificar-se suficientemente sem mim. Nos raciocínios e ideias que transplanto para meu solo e misturo com os meus, por vezes deixei propositalmente de assinalar-lhes o autor, para por um freio à

ousadia dessas críticas apressadas que se atiram sobre toda espécie de escritos, principalmente escritos recentes de homens inda vivos e em língua vulgar, a qual admite que todo o mundo fale deles e parece inculpar de vulgaridade tanto a concepção como a intenção. Quero que eles deem um piparote no nariz de Plutarco pelo meu nariz, e que se escaldem injuriando **Sêneca em mim** [*Seneque en moy*]. É preciso esconder minha fraqueza sob essas grandes autoridades. (*Ensaaios* II, 10, ênfase acrescentada)

As referências montaignianas, muitas vezes, são construídas através de um complexo mosaico de citações, que aproxima os *Ensaaios*, em muitas passagens, dos chamados “centões”⁷. Esse talvez seja o “método” do autor: tomar concepções emprestadas dos clássicos, quando isso convém ao tema tratado, somando-as às suas. Essa prática não contradiz a técnica comparativa detectada por Fumaroli, mas a complementa, já que, frequentemente Montaigne compara, indiretamente, as reflexões formuladas por vários desses autores. Nisso parece seguir Sêneca, que propõe alternância entre escrita e leitura. Na leitura recolhem-se discursos (*orationes, logói*) dos quais se deve formar um *corpus* que será constituído e assegurado pela escrita (FOUCAULT, 2004, p. 431). Nesse sentido, Epicteto recomenda meditar (*meletân*), escrever (*graphein*) e treinar (*gymnázein*). Como lembra Foucault, “é escrevendo, precisamente, que assimilamos a própria coisa na qual se pensa” (2004, p. 432). Os *Ensaaios* vinculam-se a essa tradição; neles podemos antever o que Montaigne lia e sobre o que meditava antes de escrever. Por meio da escrita dessa obra, ele pôde assimilar e reproduzir muito do pensamento de autores da Antiguidade, sendo o de Sêneca um dos mais reverberantes nos *Ensaaios*.

SÊNeca COMO MODELO A MONTAIGNE

Tratando do método de produção textual em Sêneca, Foucault declara que “tem-se a impressão, a todo instante, que ele se serve de uma espécie de caderno de notas para lembrar as leituras importantes que fez, as ideias que encontrou, as que ele próprio leu” (2004, p. 434). Em relação a Montaigne, a impressão é a mesma quando se leem os *Ensaaios*. A emulação de Sêneca parece ser atitude consciente em Montaigne, afirmação comprovada não somente pela assimilação de seu “método” de escrita, mas também por ser ele um dos autores mais citados e parafrazeados na obra em questão, com lugar

⁷ Trata-se de composição literária, em prosa ou em verso, construída por meio do arranjo de trechos pertencentes a diferentes e variados autores, tendo em vista a construção de um todo, de uma obra original.

de destaque às *Cartas a Lucílio* (FRIEDRICH, 1991, p. 60)⁸. A influência de Sêneca sobre Montaigne e sua posterior “superação” foram descritas como etapa importante do amadurecimento intelectual do escritor francês. De acordo com Friedrich (1991, p. 60), embora tenha se interessado por outros autores como Cícero e Plutarco, sua leitura mais aprofundada teria sido a de Sêneca. Segundo Strowski (1906, p. 98), o jovem Montaigne, que escrevera os ensaios de redação mais antiga – 19, 20, 39 e 40 do Livro I –, teria sido um entusiasta do estoicismo e, especialmente, do filósofo de Córdoba, tendência de que se afastaria o maduro Montaigne do Livro III. É o que defende também Eva (1995) em “Notas sobre a presença de Sêneca nos *Essais* de Montaigne”. Afastar-se do estoicismo, contudo, não significa abandonar as referências a Sêneca. De acordo com Villey (citado em CLARK, 1968, p. 249), não há diminuição significativa, se comparados os três livros dos *Ensaaios*, no número de referências a Sêneca (154 no Livro I; 153 no II; e 104 no III). Em relação às citações, Clark observa ainda que:

O emprego que Montaigne faz dos empréstimos de Sêneca em um período tardio é, evidentemente, diferente de quando antes ele seleciona frases inteiras das *Cartas*, traduzindo-as e as inserindo no corpo de seu texto. No Livro III, ele tende a deixar as citações no original em latim, empregando-as para dar mais concisão e elegância às ideias que já expressara em francês. Mas, além dos empréstimos dessa natureza, há inúmeras reminiscências a Sêneca no Livro III. As imagens frequentemente são tomadas de maneira diversa das aplicações originais, adquirindo um sentido mais amplo. (1968, p. 249-250)⁹

Podem-se inferir, assim, três maneiras distintas de citação: as que aparecem no “corpo do texto”, em que Montaigne traduz trechos de Sêneca, inserindo-os na redação; a citação direta do texto em latim (Livro III), como reforço à reflexão já elaborada em francês, ou mesmo para torná-la “mais elegante”; e as inumeráveis “imagens” que o autor empresta das epístolas senequianas e cita no Livro III. Clark apresenta e analisa várias dessas “imagens”, corroborando a concepção de que o maduro Montaigne não teria deixado de admirar e citar Sêneca, apesar do distanciamento frente ao estoicismo, manifesto, segundo Eva (1995, p. 43), em ensaios mais tardios,

⁸ Montaigne anota em seu diário de viagem a sorte em ser-lhe permitida a consulta de uma cópia de Sêneca no Vaticano (FRIEDRICH, 1991, p. 60).

⁹ “The use Montaigne makes of his borrowings from Seneca in the later period is of course different; where formerly he had lifted whole sentences from the *Letters*, translated them and inserted them into the body of the text, in Book III he tends to leave his quotations in the original Latin, and use them to give a more concise and elegant expression to ideas he has already sketched out in French. But apart from textual borrowings of this sort, there are innumerable reminiscences of Seneca in Book III. Images are borrowed, often being diverted from their original applications and given a wider meaning”.

como a *Apologie de Raimond Sebond* (II, 12). Este ensaio se utiliza, curiosamente, de “imagens” colhidas em Sêneca para se contrapor ao próprio estoicismo, em consonância com as próprias epístolas senequianas, que se afastam ocasionalmente da perspectiva puramente estoica¹⁰. Há basicamente duas tradições de ensino estoicas: “uma de estilo mais seco e escolástico, voltada sobretudo para a análise silogística, e outra, mais influenciada pela retórica, que enfatiza a diatribe e a discussão moral” (EVA, 1995, p. 47). Sêneca, segundo Eva, apesar de não se vincular diretamente a nenhuma dessas tendências, teria se familiarizado mais com a segunda. Daí teria resultado sua crítica às falácias e paradoxos lógicos, associados comumente a um saber infantil, exaltando a reflexão moral que tem como fim último o alcance da felicidade. Além disso, o estoicismo de Sêneca “tende a um afastamento do dogmatismo de seus predecessores gregos, por vezes rumando – como, segundo Villey, viria a ocorrer com a moral de Montaigne – a uma espécie de ecletismo” (EVA, 1995, p. 47), que, influenciado por uma tendência epicurista, retomaria o antidogmatismo. Sêneca seria um “estoico livre”, que assimila várias tendências filosóficas, manejando-as a favor do tema tratado nas *Cartas a Lucílio*.

Montaigne escreve à maneira de Sêneca¹¹ e recupera em seus ensaios algo do aspecto dialógico e mais aberto das cartas do filósofo cordobês. Essa “maneira” dialogal relaciona-se ao conteúdo – a morte, a amizade, os estudos, o bem viver, o conhecimento e o cuidado de si, os “exercícios filosófico-espirituais¹²” – mas também incide no plano da forma, já que ele empresta fragmentos de Sêneca (FRIEDRICH, 1991, p. 61), de maneira semelhante com que este havia feito com autores seus antecessores. Esse “método” de imitação se manifesta já no prólogo “Ao leitor”, com que Montaigne se dirige a seus interlocutores advertindo-os sobre o caráter “doméstico” e “privado” de sua obra, declarando-se indiferente à conquista de glória. Consequência disso, a leitura de autores da Antiguidade conduz sua percepção do mundo e a de si mesmo de uma maneira muito pessoal (CARNEIRO, 2011, p. 115). Ademais, a escrita em âmbito particular, pessoal e individual, como exercício de si, torna-se um fenômeno sociocultural ao longo dos séculos I e II (FOUCAULT, 2004, p. 431). Montaigne dizia escrever para si mesmo com o objetivo de investigar e conhecer a si próprio, e para seus amigos, a fim de que dele conservassem

¹⁰ Nesse sentido, é importante lembrar que, quando Sêneca escreve, a escola estoica já havia se despojado da rigidez ascética de seu início.

¹¹ A prática de escrever à maneira de uma autoridade constitui elemento retórico que aparece, por exemplo, em Cícero. Na epístola *Ad Familiares*, datada de 54 a.C., endereçada a Léntulo Epínter, comentando sobre o *De oratore*, ele afirma escrever à maneira aristotélica (*Aristotelii more*). Sobre esse assunto, ver Scatolin (2009).

¹²Sobre os “exercícios espirituais” em Montaigne, ver Carneiro (2009).

uma imagem após sua morte (AUERBACH, 2007, p. 149). O autor pretende, pois, construir uma espécie de autorretrato por meio de seus *Ensaaios*. Assim, porque escreve a partir de um ponto de vista muito pessoal, pode falar o que deseja como se estivesse a conversar ou a se dirigir a amigos, como o faz Sêneca em relação a Lucílio. Então, seu falar é livre e sincero (*parler naïf*); apresenta uma verdade simples e transparente, sendo essa a sua forma de atingir a eloquência (CARNEIRO, 2011, p.122), forma, ademais, muito prestigiada no Renascimento. O próprio Sêneca escrevera que ao homem sábio convém um discurso modesto, destituído de espírito aventureiro (*Cartas a Lucílio* 40,8). Para Fumaroli, o que poderia ser atribuído tanto a Sêneca quanto a Montaigne, é a eloquência despojada de “efeitos ópticos” ou da “teatralização do discurso que implica um público” (2002, p. 59). É isso que Montaigne propõe, à maneira de Sêneca, em seus *Ensaaios*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias passagens dos *Ensaaios* recuperam as *Cartas a Lucílio*. Não é necessário demonstrá-lo, pois diversos autores, como Clark (1968) e Eva (1995) já o fizeram. Nosso objetivo, diferentemente, foi apresentar um suposto “método” de escrita de Montaigne na composição de sua obra, à imitação dos clássicos, especialmente de Sêneca, resultando na abundante citação e paráfrase do filósofo cordobês. As práticas pedagógicas do Humanismo promoveram a emulação dos clássicos como mecanismo de produção textual; o escritor francês, por sua vez, localiza em um autor antigo, Sêneca, além de recursos de estilo, a possibilidade de transcender a prática da imitação mecânica em direção a um exercício intenso de emulação, que define o próprio caráter ascético dos ensaios. “Só falo dos outros”, escreve Montaigne, “para melhor falar de mim” (*Ensaaios* I, 25). O autor revela no mesmo ensaio o objetivo de “des-cobrir” a si mesmo (*découvrir moy-mesmes*), nas duas acepções que esse verbo adquire aí: conhecer a si próprio e, como apresenta no prólogo “ao leitor”, tirar aquilo que o “encobre” e mostrar-se como é àquele que o lê. Montaigne assegura ainda no mesmo ensaio que esse “eu” poderá amanhã ser outro se o aprendizado o mudar. Daí a necessidade do exercício constante da escrita, através da qual vai se descobrindo e, concomitantemente, se revelando. Ora, dessa prática só poderia advir um texto com várias camadas (hoje conhecidas como A, B e C) e muitas facetas, próprias de um autor que volta ao texto e acrescenta-lhe reflexões e citações; um texto não acabado, que está sempre por fazer-se, que segue os movimentos interiores de seu autor; um texto em que, apesar de tantas digressões, é decoroso, fundindo autor e obra em uma peça única.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. *Ensaio de literatura ocidental*. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2007.

CARNEIRO, A. S. Exercícios espirituais profanos: leitura, ensaio e inspiração poética em Montaigne. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, n. 3, p. 43-57, 2009.

_____. Exercícios espirituais e parrhesia nos *Ensaio* de Montaigne. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 113-129, 2011.

BLACK, R. *Humanism and Education in Medieval and Renaissance Italy: Tradition and Innovation in Latin Schools from the Twelfth to the Fifteenth Century*. New York: University Press, 2001.

BLOOM, H. *Onde encontrar a sabedoria?* Trad. José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BOUTCHER, W. Vernacular Humanism in the Sixteenth Century. In: KRAYE, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Humanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 189-202.

CARRUTHERS, M. *A técnica do pensamento: meditação, retórica e a construção de imagens (400-1200)*. Trad. José Emilio Maiorino. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CLARK, C. E. Senecas’s Letters to Lucilius as a Source of some of Montaigne’s Imagery. *Bibliothèque et Renaissance*, Genève, v. 30, n. 2, p. 249-266, 1968.

DAVIES, M. Humanism in Script and Print in the Fifteenth Century. In: KRAYE, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Humanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 47-62.

DOTOLI, G. *La voix de Montaigne: langue, corps et parole dans les Essais*. Paris: Lanore, 2007.

EVA, L. A. A. Notas sobre a presença de Sêneca nos *Essais* de Montaigne. *Educação e Filosofia*, v. 17, n. 1, p. 39-52, 1995.

FRIEDRICH, H. *Montaigne*. Edited and with an introduction by Philippe Desan. Trans. Dawn Eng. Berkeley: University of California Press, 1991.

FORCE, P. Innovation as Spiritual Exercise: Montaigne and Pascal. *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, v. 66, n. 1, p. 17-35, 2005.

CARNEIRO, Alexandre Soares; MAERKI, Thiago. “*Seneque en moy*”: a imitação dos antigos como método de escrita nos *Ensaio* de Montaigne. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 2 (2018), p. 212-224. Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 set. 2018.

FUMAROLI, M. *L'âge de l'éloquence*. Genève: Librairie Droz S. A., 2002.

_____. O discurso do método de Montaigne. In: PASCAL, B. *A arte de persuadir: precedida de a arte da conferência de Montaigne*. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. V-XXXV.

MONTAIGNE, M. *Os Ensaios* (3 v.). Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000/2001.

_____. *Os Ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin, 2010.

_____. *Les Essais* (Livre I-II-III). Kindle Version, 2012.

MOSS, A. Humanist Education. In: NORTON, G. P. (Ed.). *The Cambridge History of Literary Criticism* (v. 3). Cambridge: Cambridge University Press, 1989a, p. 145-154.

_____. Literary Imitation in the Sixteenth Century: Writers and Readers, Latin and French. In: NORTON, G. P. (Ed.). *The Cambridge History of Literary Criticism* (v. 3). Cambridge: Cambridge University Press, 1989b, p.107-118.

NORTON, G. *The Ideology and Language of Translation in Renaissance France and Their Humanist Antecedents*. Geneva: Droz, 1984.

SCATOLIN, A. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 2009. 313f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHMITT, J. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Trad. José Rivair Macedo. Bauru: EDUSC, 2007.

STROWSKI, F. *Montaigne*. Paris: Felix Alcan, 1906.

VIEGAS, R. Montaigne de [A] a [C]. Ensaio sobre as couches. *Remate de Males*, Campinas, v. 31, n. 1-2, p. 35-52, 2011.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Trad. Flávia Bancher. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ALEXANDRE SOARES CARNEIRO é professor do Departamento de Teoria e História Literária (DTL), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Dentre seus principais trabalhos está a edição, em conjunto com Orna Levin, *d'O Auto da Sibila Cassandra* (Cosac Naify, 2007), reeditado pelo SESI-SP Editora (2017). Publicou diversos artigos em periódicos científicos, dos quais se destacam: Exercícios espirituais e parrhesia nos *Ensaio*s de Montaigne (*Revista de Filosofia Aurora*, 2010); e Melancolia e prudência no *Leal Conselheiro* (c.1438), de D. Duarte de Portugal (1391-1438) (*Anamorfose*, 2014).

THIAGO MAERKI é doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e membro do Centro de Estudos de Literatura, Teorias do Fenômeno Religioso e Artes (CELTA/UNICAMP). Realizou estágio de doutorado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP, Portugal) e seu principal interesse de estudo é a literatura hagiográfica portuguesa da Idade Moderna. Dentre suas publicações, destacam-se: O 'pensamento analógico' nas *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*, de Frei Marcos de Lisboa (*Cuadernos Medievales*, Argentina, 2015); e 'In Christi crucifixi similitudinem transformandum': a representação de S. Francisco de Assis em alguns textos em prosa no Portugal moderno (*Via Spiritus*, Porto, 2016).